

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO FEMININO NAS MÚSICAS BRASILEIRAS MAIS REPRODUZIDAS EM 2017

### REPRESENTACIONES SOCIALES DEL GÉNERO FEMENINO EN LAS MÚSICAS BRASILEÑAS MÁS REPRODUCTIVAS EN 2017

Jeysson Ricardo Fernandes da Cunha<sup>1</sup>

Ingrid Ferreira de Godoi<sup>2</sup>

Thays Regina Lemes Alves<sup>3</sup>

#### RESUMO:

Este artigo parte do princípio que a música pode ser tomada como fonte cultural e histórica, em que o sujeito consegue sentir, compreender e (re)significar suas vivências de acordo com seu grupo social, em uma busca de elaborar sentidos. Desta forma, a música estabelece um diálogo na indissociabilidade entre sujeito e cultura que representa sentidos e significados construídos acerca de um objeto. Percebe-se que as músicas possuem conteúdos de representações sociais e provocam significações em que o sujeito ancora suas crenças, valores e atitudes sobre determinado fenômeno social. Tem-se objetivo compreender as representações sociais sobre o gênero feminino presentes nas 20 músicas mais escutadas no Brasil em 2017. Adotou-se como aporte teórico a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2013; JODELET 2001) em diálogo com os pressupostos de Bourdieu (2002) sobre a dominação masculina em adição com Moraes (2002) sobre a condição social da mulher contemporânea. A metodologia empregada privilegia uma abordagem qualitativa a partir da análise de significação (AGUIAR; OZELLA, 2006) de acordo com o tratamento computacional auxiliado pelo *software* IRAMUTEQ. Os dados analisados demonstram que as músicas ancoram o gênero feminino como aquele que causa angústias por seu modo de existir e que, de modo geral, causa certo estranhamento quebrando o padrão normativo. A presença destas narrativas reafirma a ideia de mulher exercendo sua liberdade e autonomia, se permitindo desfrutar de certas atitudes em que, historicamente, lhe foi negada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações Sociais; Gênero Feminino; Música.

#### RESUMEN:

Este artículo parte del principio que la música puede ser tomada como fuente cultural e histórica, en que el sujeto logra sentir, comprender y (re) significar sus vivencias de acuerdo con su grupo social, en una búsqueda de elaborar sentidos. De esta forma, la música establece un diálogo en la indisociabilidad entre sujeto y cultura que representa sentidos y significados construidos acerca de un objeto. Se percibe que las canciones poseen contenidos de representaciones sociales y provocan significaciones en que el sujeto ancla sus creencias, valores y actitudes sobre determinado fenómeno social. Se trata de comprender las representaciones sociales sobre el género femenino presentes en las 20 canciones más escuchadas en Brasil en 2017. Se adoptó como aporte teórico la Teoría de las Representaciones Sociales (MOSCOVICI, 2013, JODELET 2001) en diálogo con los presupuestos de Bourdieu (2002)

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso e graduado em Psicologia pela Faculdade de Quatro Marcos. Professor da Faculdade de Quatro Marcos. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0150914749552246>.

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Faculdade de Quatro Marcos. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5415607326856934>.

<sup>3</sup> Graduada em Psicologia pela Faculdade de Quatro Marcos. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7395444494925014>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

sobre la dominación masculina en adición con Moraes (2002) sobre la condición social de la mujer contemporánea. La metodología empleada privilegia un abordaje cualitativo a partir del análisis de significación (AGUIAR, OZELLA, 2006) de acuerdo con el tratamiento computacional auxiliado por el software IRAMUTEQ. Los datos analizados demuestran que las canciones anclan el género femenino como aquel que causa angustias por su modo de existir y que, en general, causa cierto extrañamiento rompiendo el patrón normativo. La presencia de estas narrativas reafirma la idea de mujer ejerciendo su libertad y autonomía, permitiendo disfrutar de ciertas actitudes en que históricamente le fue negada. **DESCRIPTORES:** Representaciones Sociales; Género Femenino; Música.

## 01 – INTRODUÇÃO

A música é compreendida como fonte cultural e histórica, em que o sujeito consegue sentir, compreender e (re)significar suas vivências de acordo com seu grupo social, em uma busca de elaborar sentidos. Dessa forma entende-se que a música é reprodutora de representações sociais, pois ela expressa os mais diversos estados de espírito e as vivências, conseguindo produzir os mais variados tipos de sentimentos, construindo significações e valores imaginários (HARTING, 2008 apud HARTWING; PEREIRA, 2013).

Percebe-se que as músicas possuem conteúdos de representações sociais e provocam significações em que o sujeito ancora suas crenças, valores e atitudes sobre determinado fenômeno social. Nota-se que o papel da mulher dentro da sociedade, está também representado nas músicas que circulam no meio ancorado sob perspectivas históricas e que influenciam nos comportamentos de sujeitos e grupos. Como exemplo, pode-se citar narrativas sobre a mulher, que objetivam o papel desta assumindo um campo semântico categorizado socialmente.

Diante desse contexto, trouxe o questionamento e o interesse destas pesquisadoras em compreender quais as significações sobre o gênero feminino estão presentes nas músicas mais reproduzidas no Brasil no ano de 2017.

O conceito de representações sociais foi introduzido pelo teórico social Serge Moscovici, baseando-se em alguns teóricos como Piaget, Vygotsky e principalmente Durkheim. Representação social pode ser reconhecida como um saber do senso comum ou pensamento ingênuo e Jodelet (2001, p. 22) conceitua como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Entende-se que representar socialmente é compreender o dia-a-dia de cada

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

sujeito, as diversas formas de comunicação, como elas refletem no comportamento desse indivíduo e como são construídos os saberes e as crenças que determinam os pensamentos e ações dos mesmos diante do seu contexto social, ou seja, compreende-se que as representações sociais organizam os comportamentos e comunicações sociais.

Segundo Moscovici (2015) representar significa tornar algo não familiar em familiar, sendo assim, os objetos ou acontecimentos que forem desconhecidos serão categorizados com o que já se conhecem, tornando-o concreto. Desta maneira entende-se que, a construção das representações sociais vai além da identificação das crenças, comunicação ou pensamento de tal conceito, e sim do impacto que elas provocam nesse sujeito e diante desse impacto com elas produzem seus comportamentos dentro e fora de um grupo.

O autor nos traz que as representações sociais são sempre estabelecidas por meio de um processo dependente de crenças que se ancoram em tradições e significações construídas a partir de suas vivências, sendo assim, “as representações estão, é claro, relacionadas ao pensamento simbólico e a toda forma de vida mental que pressupõe linguagem” (MOSCOVICI, 2015, p. 307).

Dessa forma, nota-se que o autor se refere a como é a criação das representações sociais para determinado indivíduo e como tais podem influenciar o comportamento tornando-o a verdade absoluta para o sujeito, como tal representações se tornam o princípio decisivo para os pensamentos individuais.

Moscovici (2015) traz ainda, que todas as representações que criamos é sempre resultado para tornar familiar o não familiar. Não sendo fácil esse processo, é necessário utilizar-se de esforço para tornar o incomum em algo real e comum e assim integra-lo em nosso mundo físico e mental enriquecendo as significações. Este processo de estranhamento familiar será assimilado e sistematizado para se tornar familiar, para tal função de familiarização se é utilizado dois processos geradores de tais representações sendo estes a: ancoragem e objetivação.

Moscovici (2015) refere-se ao processo de ancoragem, como o ato de nomear, classificar e dar nome as coisas estranhas a partir de categorias sociais já construídas. Desse modo o que se era desconhecido e assustador passa ser algo conhecido e comum. Esse processo ocorre a partir de categorias pré-existentes

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

devido a necessidade de interpretação, em que o autor alega a precisão de acessibilidade e a realidade de sentidos. Um exemplo de ancoragem é a símbolo do infinito, pois familiarizou o símbolo com o significado, tornando familiar, sendo assim, estabelece o que era desconhecido (apenas o símbolo) em algo conhecido (significado do infinito).

A objetivação ocorre pelo processo de transformar as crenças em informações, onde utilizam-se de objetos ou imagens para diminuir a distância entre o conhecido do novo. “Une a ideia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se verdadeira essência da realidade” (MOSCOVICI, 2015, p. 71), ou seja, o abstrato em concreto, quase palpável e de acordo com o autor, um complexo de imagens que reportam visivelmente um complexo de ideias, chamado por ele de núcleo figurativo. Um exemplo de objetivação seria quando o sujeito utiliza a religião para explicar as coisas, uma delas é a de Deus que é um conceito totalmente abstrato, pois, ninguém nunca o viu não se sabe como surgiu, mas, o sujeito busca dar uma forma concreta para Deus, familiarizando com a imagem de pai, o conceito “pai” é concreto, tornando assim Ele em um conceito palpável.

Compreende-se que é a partir das representações compartilhadas com os outros, que se constrói a subjetividade em determinados aspectos, isso que torna a pessoa ao mesmo tempo individual e coletiva. Por meio das informações do contexto no qual o ser humano está inserido, constrói-se a identidade. Os processos identitários proporciona ao sujeito produzir e preservar conhecimentos sobre si e a dos outros, dos distintos grupos a qual ele está inserido, e com os quais ele está em constante interação. Tais conjuntos de conhecimento são as representações, no caso dessa será chamada de representações identitárias, pois elas aprovam ao mesmo tempo em que cristalizam, as comparações as semelhanças e as diferenciações, constituindo assim, o fundamento do sentimento de identidade. (DESCHAMPS; MOLINER, 2009).

A diferenciação anatômica de feminino e masculino ocorre em vias sociais, ou seja, a construção do corpo é dada pela própria visão social em que se constitui a diferença entre os sexos biológicos. Dorola (1979 *apud* CARDOSO, 2008, p. 262) menciona que,

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

O conceito de gênero é entendido como a forma social que adquire cada sexo, uma vez que recebe conotações específicas em termos de valores e normas, portanto é uma aquisição cultural obtida através do processo de socialização que prepara os sujeitos para desempenhar os papéis sociais de acordo com a sua “natureza”.

Com isso, entende-se que gênero não se limita à diferenciação sexual, biológica e sim possui um conceito amplo de que se adquire e constrói em suas relações sociais. Logo, masculino e feminino passa a se constituir de acordo com a cultura a qual está exposto e seu relacionamento interpessoal.

Por se tratar dessa divisão ser constituída no social acaba-se utilizando como justificativa natural da diferença construída entre os gêneros. Contudo, essa definição dos sexos está longe de ser natural, mas sim relacionada ao meio social, as semelhanças e identificações do sujeito em seu contexto.

Como exemplo temos os fatores físicos relacionados a força, capacidade, tamanho que direcionam os cargos em que as mulheres ocupam no trabalho e que são diferentes do homem, sendo diferente também a remuneração. Esses fatores são construídos pela sociedade e de maneira simbólica considerada natural criando-se uma desigualdade.

Bourdieu (2002, p. 46) anuncia que “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim vistas como naturais”. Assim, se trata de um processo de reprodução e, portanto, histórico e que leva até uma espécie de auto depreciação e uma adesão a imagem desvalorizada da mulher.

Essa dominação masculina é denominada pelo o autor como violência simbólica. Ela se constitui por intervenção da aderência que o dominado concede ao dominante, ou seja, adere a dominação e os aspectos que ambos têm em comum acaba tornando-se uma relação natural.

A violência simbólica seria imposta pelo dominador, que para Bourdieu (2002) a classe que domina economicamente estabelece sua cultura aos dominados. Com isso ela se manifesta em diversas formas como em instituições, famílias, igrejas, escola e atua de maneira reprodutiva.

O efeito dessa dominação se exerce por meio dos esquemas de percepção, avaliação e ação e se constrói nos *habitus* de maneira invisível ao dominado. *Habitus* é um conceito que Bourdieu utiliza para denominar o princípio unificador de práticas

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

em que incorporamos nos relacionamentos interpessoais. Assim, homens e mulheres são moldados pela sociedade de acordo com seu gênero e até mesmo o dominador é dominado pela própria dominação.

A lógica da dominação masculina e da submissão feminina só pode ser compreendida, segundo Bourdieu (2002), a partir da observação aos eventos duradouros exercido pela ordem social sobre as mulheres, ou melhor, só se compreenderá os comportamentos esperados pelos homens e mulheres de acordo com a sociedade específica em que se encontram, na época específica.

Esses eventos condizem com uma forma espontânea e ao mesmo tempo extorquida de atribuir as mulheres a reponsabilidade de sua própria opressão.

Entende-se que esse processo de naturalização dos comportamentos acaba que por tirar parte da responsabilidade da sociedade, ou seja, a sociedade impõe e trabalha no sujeito, de maneira simbólica e sem ele perceber, delineando-os e transformando-os naquilo que ela impôs. Logo, o homem se torna homem e mulher se torna mulher de acordo com os requisitos imposto pelo social.

De acordo com Moraes (2012), percebe-se que a condição social da mulher vem sofrendo transformações no decorrer das décadas, principalmente após a chamada Revolução Feminista em 1960. Diante disso, nota-se que a mulher se tornou produto de uma conquista, onde hoje elas são ouvidas e lutam pelos seus direitos a cada dia. Um exemplo disso é a inserção da mesma no mercado de trabalho, o direito de voto, deixando de ser submissa e fazendo suas próprias escolhas, entre outros.

As modificações do papel da mulher na contemporaneidade são reproduções de grandes mudanças socioculturais que denotam os tempos atuais, pois segundo Cavalli (2003 *apud* BORGES, 2013) ocorreu uma conversão dos padrões que construíam os percursos dos sujeitos, sendo assim, o papel da mulher dentro da sociedade foi desconstruído de acordo com as significações das representações sociais constituídos em torno do gênero feminino.

Com isso, Vieira (2005), afirma que a concepção social da identidade dessa mulher contemporânea teve com agentes transformadores a mídia, a tecnologia, onde a mesma a partir de suas experiências estruturaram esse novo papel da mulher, que sai do parâmetro social construída, onde essa mulher era idealizada para ter como papel fundamental o lar. Desta maneira, essa nova identidade feminina assume uma

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

postura com características próprias, buscando um autoconhecimento, podendo manejar suas próprias decisões, suas escolhas buscando sua independência tanto emocional como financeira.

A música é compreendida como fonte cultural e histórica, em que o sujeito consegue sentir, compreender e (re)significar suas vivências de acordo com seu grupo social, em uma busca de elaborar sentidos. Dessa forma entende-se que a música é reprodutora de representações sociais, pois ela expressa os mais diversos estados de espírito e as vivências, conseguindo produzir os mais variados tipos de sentimentos, construindo significações e valores imaginários (HARTING, 2008 *apud* HARTWING; PEREIRA, 2013).

Percebe-se que com a música é possível construir a identidade do sujeito, de acordo com o momento e a experiência que este está vivenciando, podendo se arraigar nas memórias do mesmo, os discursos das músicas reproduzem momentos vivenciados no dia-a-dia, tornando a música como uma prática social, cultural e histórica.

Segundo Foucault (1996, p. 22 *apud* HARTWING; PEREIRA, 2013) “esses discursos são entendidos como verdade, carregados de poderes, que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer”. Sendo assim a música é considerada como o objeto simbólico, pois as mesmas promovem no sujeito emoções nos quais eles ancoram e objetivam suas vivências, criando verdades e construindo representações sociais de uma dada vivência, trazendo sentido e significado para tal.

Abriç (1998, p.27 *apud* DUARTE; MAZZOTTI, 2006, p. 1285), afirma que,

Toda ocorrência musical é percebida, representada e reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruído em seu sistema cognitivo, integrada no seu sistema de valores, dependente de sua história e dos grupos sociais e ideológicos que o cercam.

Com isso, as músicas são representações socialmente construídas na sociedade sendo como objeto para eles, ou seja, percebendo seus objetos, os membros de um grupo social os significam e os torna reais e as representação social ocorre nesse processo de reconhecimento e significação.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Nota-se que nos dias de hoje as mulheres vem conquistando seus espaços e no campo da música não é diferente, elas reproduzem representações das suas próprias vivências e contribuem para a construção de uma identidade social. De acordo com, Orlandi (2005 *apud* HARTWING; PEREIRA, 2013) tais construções são percebidas ao traduzir a música, sendo que as mulheres sempre buscam abordar diferentes temáticas que possam mostrar o quão é importante o papel da mulher na sociedade.

É bom lembrar que o papel da mulher vem se modificando a cada dia perante a sociedade, elas buscam conquistar seus direitos de igualdade, e a todo o momento observa-se que este papel vem se modificando e consolidando nessa nova perspectiva entoando o empoderamento feminino dentro da cultura que ainda sustenta os ideais tradicionais construídos historicamente.

Conclui-se assim, que a música também é objeto de representação social, pois elas geram sentimentos, trazem sentidos e significados de experiências. O mesmo pode-se dizer do papel da mulher que na música, além de reproduzir sua vivência, ela permite produzir novas representações construindo novas identidades.

## 02 – MÉTODO

As escolhas metodológicas deste estudo caracterizam uma abordagem qualitativa de cunho exploratório. Para compor os dados a serem analisados, adotou-se o *ranking* das 100 músicas mais tocadas do ano de 2017, baseada no levantamento feito pelo Instituto Crowley<sup>4</sup> e divulgado pelo site Correio Braziliense (CORREIO BRAZILIENSE, 2018). Foi utilizado para essa pesquisa as 20 primeiras músicas do *ranking* para análise. Este recorte foi adotado tendo como critério que, tais músicas, estão mais presentes no cotidiano dos sujeitos, concorrendo para a emergência de representações sociais.

<sup>4</sup> Crowley Broadcast Analysis do Brasil é uma empresa que atua no Brasil desde 1997 e tem como fins a monitoração eletrônica de *brodcast* de áudio nas rádios para fins musicais. Se trata de uma empresa de auditoria independente, provendo relatórios que permitem análises de dados bem como auditorias que confirmam a transmissão de músicas e comerciais em cada emissora de rádio.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Os dados obtidos pelo *ranking* do Instituto Crowley foram analisados pelo *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ). Se trata de um programa computacional que realiza a análise estatísticas sobre *corpus* textuais desenvolvido por Pierre Ratinaud em 2009. Nesse estudo, foi utilizado a análise Classificação Hierárquica Descendente de Segmentos de Texto (CHD, em que o *software* realiza uma análise textual com base na identificação e organização do vocabulário dos segmentos de texto, formando classes de acordo com a recorrência lexical.

As classes criadas pelo *software* IRAMUTEQ foram submetidas a análise de acordo com a noção de Núcleo de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006). Desta forma, o núcleo de significações tem como critério a articulação entre conteúdos semelhantes, complementares e contraditórios para entendimento dos sentidos e significados que formam o conteúdo dos discursos.

O material produzido foi processado pelo *software* IRAMUTEQ que permitiu a realização da análise de Classificação Hierárquica Descendente – CHD, e teve aproveitamento do *corpus* de 74,19% de 100% do material e foi organizada em 6 classes: Classe 1 – 15,2%; Classe 2 – 13%; Classe 3 – 13%; Classe 4 – 21,7%; Classe 5 – 19,6%; e Classe 6 – 17,4%.

Como recorte para este estudo, será apresentado a Classe 4 intitulada *A mulher independente*, com 21,7% do *corpus* aproveitado, ou seja, foi a maior classe de ocorrência das representações sociais trazendo maiores significações.

Embora as composições de algumas músicas não deixem claro qual é o gênero e público a que se destinam (masculino e feminino), uma análise empírica tornou-se necessário. Desta forma, foi possível evidenciar que está implícito a heteronormatividade nas músicas, dado a condição socio-histórica da música sertaneja brasileira, cujas narrativas estão orientadas a narrar contextos sobre a mulher ou, até mesmo, cenário de sofrimento psíquico que este gênero vivencia em relacionamentos.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

### 03 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

A interpretação da CHD pode ser visualizada por um dendograma expondo o segmento de texto de acordo com a recorrência de léxico  $\chi^2$ , onde se observa que o *corpus* original sofreu uma primeira partição gerando a Classe 6 e na segunda partição gerou um subcorpus criando a Classe 3 e 2 e em uma terceira partição gerou a Classe 5 e novamente um subcorpus gerando a Classe 4 e 1:

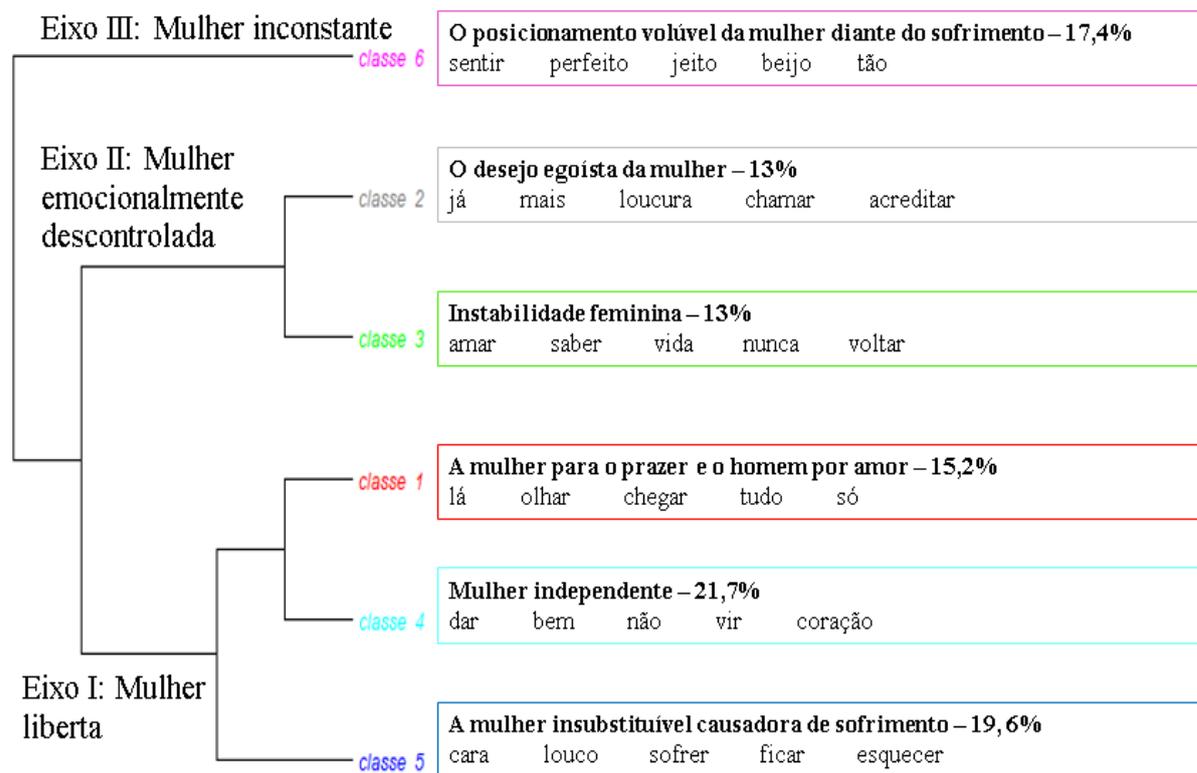


Ilustração 1 – Dendograma de relação entre as Classes

Em seguida será apresentado os Eixos e suas respectivas Classes em ordem decrescente considerando os eixos de organização da CHD. Os nomes atribuídos foram designados considerando os discursos selecionados pelo IRAMUTEQ e que foram analisados de acordo com a compreensão do núcleo de significações.

O Eixo I foi nomeado como *Mulher liberta* e é composto pela Classe 4 *A mulher independente*; Classe 5 *A mulher insubstituível causadora de sofrimento* e Classe 1 *A mulher para o prazer e o homem por amor*.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Nesse Eixo traz um novo significado do feminino de acordo com as narrativas processada pelo *software*, apresentando uma mulher que possui uma liberdade e desfruta de seus interesses sexuais e que se distância do ser frágil e submisso, desfrutando de certas atitudes que lhe foi negada.

No Eixo II nomeado como *Mulher emocionalmente descontrolada* traz a Classe 3 *Instabilidade feminina* e a Classe 2 *O desejo egoísta da mulher*. Esse Eixo sugere que o desejo egoísta da mulher, apresentados nos discursos, se dá devido a todo um passado de sofrimento e que a fez agir dessa forma como meio de defesa, sugerindo também uma condição instável da mulher diante das circunstâncias. Nos discursos processados pelo IRAMUTEQ traz que certas condições sociais (ser amante; não ter um relacionamento sério), produz representações ora marcada por uma insensibilidade frente a relacionamentos, ora marcada por um sentimento de vazio em busca de satisfazer o desejo de um relacionamento estruturado e ancorado no sentido de família tradicional.

Por fim, o Eixo III *Mulher inconstante* composto pela Classe 6 *O posicionamento volúvel da mulher diante do sofrimento*. O gênero feminino neste contexto é representado de modo a elaborar práticas de fuga diante do contexto de frustração, como: não tendo um relacionamento sólido apenas momentâneo, aderindo consumo de bebida alcoólica e rotinas de festas.

### 3.1 – Análise da Classe A *Mulher Independente*

A classe 4 – *A mulher independente* apresenta narrativas de músicas que induz a significação da mulher como quem busca apenas o prazer sexual, em que os homens se veem iludidos por elas. As palavras, de acordo com o  $\chi^2$ , processadas pelo *software* IRAMUTEQ desta Classe foram: dar, bem, não, vir, coração.

Destaca-se nesta classe o processo de categorização social da mulher por meio das músicas, em que os objetos são reagrupados com intuito de organização do meio entre a interação sujeito-objeto, assim como, os estereótipos sociais que ordenam seus conhecimentos em determinado grupo ao qual pertencem e fazem parte da construção identitária do sujeito a partir das relações sociais. Essa construção diz respeito aos significados contidos nas músicas que demonstram o

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

modelo de relações estabelecidas entre os sujeitos para com o gênero feminino. Esses conhecimentos estão representados nas músicas, pois aprovam e cristalizam as comparações de semelhanças e diferenças, definindo-se assim uma identidade de mulher independente na qual o homem não tem controle.

Você deve se achar muito esperta. Toda vez com a mesma conversa me ilude, me leva no chão, e quando vou dormir já estou com você na sua cama. Eu não consigo entender, você sempre me diz que é amor, mas só me quer por prazer (Música 5).

Percebe-se que a narrativa apresenta uma mulher que só busca o prazer sendo indiferente em relação ao outro. Nota-se diante da narrativa que a figura masculina se apresenta como submisso, totalmente dominado pela mulher em que a mesma tem o poder de persuasão e controle sobre o mesmo. A mulher independente, isto é, que opta por estabelecer um relacionamento casual, provoca um certo estranhamento e é objetivada como sendo ligada a satisfações de desejos, que dialoga com sua identidade.

É observável a presença dessa construção desta representação trazida em outro discurso:

Pode cobrar bandeira dois para ir ouvindo as minhas mágoas no caminho. Rapaz, é difícil demais gostar dessas mulheres bandidas, quanto mais nós corre atrás, mais elas pisa. A minha terminou comigo por mensagem (Música 14).

Aqui descreve uma mulher totalmente insensível ao sentimento do homem, cujo o mesmo demonstra significar este contexto estando completamente magoado e assume ter insistido no relacionamento não sendo correspondido. O uso do termo “*bandida*” sugere uma condição de significação negativa, isto é, que corrompe, que engana, que trapaceia, ancorando o comportamento feminino à delinquência. Neste ponto, lembrando Moscovici (2015), o ato de classificar essa mulher a partir deste rótulo é transformar algo que é incomum em uma categoria social já conhecida. Em outras palavras, o comportamento feminino causa espanto quando exerce a condição de pessoa livre, necessitando, assim, ser classificado em tons negativos.

A presença da liberdade na mulher é sentida por meio das significações compartilhadas pelas músicas e apresenta uma mulher cujo a construção social de gênero se distancia de um ser frágil, dependente e submisso, sendo representado

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

como uma mulher que prioriza o prazer, suas vontades e independência emocional. No seguinte discurso afirma esse contexto

Mandando a sarrada no ar com as amigas, está só na maldade acabando comigo. Chega aí para ver João Neto e Frederico tocando o terror, perdendo a noção, rebola que cola com o bumbum no chão (Música 15).

Tal perspectiva encontra respaldo nas análises de Moraes (2012) sobre a transformação da condição social da mulher a partir da metade do século XX. As músicas ancoram o gênero feminino que causam angustias por seu modo de existir e que, de modo geral, causa certo estranhamento quebrando o padrão normativo. A presença destas narrativas reafirma a ideia de mulher exercendo sua liberdade e autonomia, se permitindo desfrutar de certas atitudes em que, historicamente, lhe foi negada.

#### **04 – CONCLUSÕES**

O percurso utilizado para o desenvolvimento deste estudo proporcionou a compreensão das significações envolta do gênero feminino produzido na música. As técnicas utilizadas por meio de respaldar tais significações foram, o processamento das vinte músicas mais reproduzidas nas rádios do ano de 2017 pelo software IRAMUTEQ e a análise de dados por meio da noção de Núcleo de Significação (AGUIAR, OZELLA, 2006).

As representações sociais construídas no contexto socio-histórico do gênero feminino trazem uma definição de dominação da figura masculina sobre a mulher fazendo que seja um processo naturalizado. Diante dos dados obtidos por meio deste estudo, aponta uma transformação nessa definição, trazendo a figura feminina independente que faz suas próprias escolhas.

É eminente que as representações sociais vem acompanhando essa transformação, pois elas se constrói de acordo com as vivências do dia a dia. E percebendo os processos formadores das representações sociais, ancoragem e objetivação, presentes nos discursos das músicas, constata-se que é no cotidiano dos sujeitos, com suas vivências que se cria significações.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

Com isso, as análises dos dados demonstram que a representação social do gênero feminino nas músicas apontam para um contexto de exercício de sua liberdade e que, ao fazê-la, provoca fragilidades que são ancoradas em desrezos e pela não reciprocidade de seus sentimentos.

Assim, é notável no discurso das músicas processadas, uma narrativa que mostra a significação de uma mulher que exerce sua condição de ser independente, que busca o prazer como um movimento de si e para si. Identifica-se um estranhamento sobre os contextos de vivência desta mulher que, como representada nas músicas, o gênero feminino supera a perspectiva de cuidadora, pura, educada e sentimental, orientada para a construção de uma família.

## 05 – REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia, Ciência e Profissão*. Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06.pdf>>. Acessado em 26 de junho de 2018.

BORGES, Carolina de Campos. Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. *Psicologia em Estudo*. Maringá: v. 18, 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v18n1a07.pdf>>. Acessado em 26 de junho de 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. 2°. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. *Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ*. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil, 2013. Disponível em <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>>. Acessado em 26 de junho de 2018.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

CARDOSO, Nara Maria Batista. Psicologia e relações de gênero: a socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. *In: ZANELLA, Andréa V. et al. (org.). Psicologia e práticas sociais.* Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 260-272. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-25.pdf>>. Acessado em 26 de junho de 2018.

CORREIO BRASILIENSE. Das dez músicas mais tocadas nas rádios em 2017, nove são sertanejas. *Diário Pernambucano*, Seção Diversão e Arte, postado em 03/01/2017. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/01/03/interna\\_diversao\\_arte,651079/das-dez-musicas-mais-tocadas-nas-radios-em-2017-nove-sao-de-sertanejo.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/01/03/interna_diversao_arte,651079/das-dez-musicas-mais-tocadas-nas-radios-em-2017-nove-sao-de-sertanejo.shtml). Acesso em: 22/02/2018.

CROWLEY Broadcast Analysis do Brasil. *Sobre a Crowley*. Disponível em: <<http://www.crowley.com.br/crowley.asp>> Acessado em 18 de março de 2018.

DECHAMPS, Jean-Claude. *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DUARTE, Mônica de Almeida; MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Representações sociais da música: aliadas ou limites do desenvolvimento das práticas pedagógicas em música?. *Educação & Sociedade*. 2006, vol. 27, n. 97, p. 1283-1295. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n97/a10v2797.pdf>>. Acessado em 25 de abril de 2018.

HARTWIG, Adriane; PEREIRA, Ivonete. *Os Desafios da Escola Pública Paranaense: Na Perspectiva do Professor – As representações das mulheres nas músicas do sertanejo universitário.* Curitiba-PR: Secretaria de Educação: 2013. (Cadernos PDE, Artigos). Disponível em <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_unioeste\\_hist\\_artigo\\_adriane\\_mallmann\\_eede.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_hist_artigo_adriane_mallmann_eede.pdf)>. Acessado em 26 de junho de 2018.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. *In: JODELET, Denise (org.). Representações sociais.* Rio de Janeiro: EdUERJ; 2001, p. 17-44.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	

MORAES, Érika. Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de maitena. *In*: TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro. (orgs.) *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas*. Maringá: Eduem, 2012, p. 259-285. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-12.pdf>>. Acessado em 26 de junho de 2018.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. *DELTA*. São Paulo, 2005, vol. 21, n. spe, p. 207-238. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v21nspe/29258.pdf>>. Acessado em 26 de junho de 2018.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIX Jan-jun 2019	Trabalho 03 Páginas 68-83
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	periodicoscesg@gmail.com	